Crusoé 95

www.crusoe.com.br - 21/02/2020

SABE DA ÚLTIMA? O JORNALEIRO SABE!

CANAL ÚNICO PDF O JORNALEIRO
ACESSE: t.me/jornaiserevistas

General Augusto Heleno, ministro do Gabinete de Segurança Institucional

A GUERRA DO F***-SE

A disputa por bilhões do Orçamento opõe reformistas do governo à ala fisiológica do Congresso e leva os generais do Planalto a propor o enfrentamento

POR IGOR GADELHA

JornaiseRevistas

Paulo Guedes (ao centro) e os generais Heleno (à dir) e Ramos (à esq): Planalto diverge na contenda contra o Congresso

A guerra do 'foda-se'

A disputa por bilhões do Orçamento opõe reformistas do governo à ala fisiológica do Congresso e leva os generais do Planalto a propor o enfrentamento

21/02/2020 00:58

IGOR GADELHA

► OUVIR NOTÍCIA

Reza o princípio consagrado pelo filósofo francês Montesquieu em sua obra "O Espírito das leis" que a harmonia entre poderes é fundamental para impedir que Executivo, Legislativo e Judiciário cometam abusos, tentem se sobrepor uns aos outros, mas, principalmente, que o governante — qualquer que seja ele — confunda sua vontade pessoal com a do povo. A questão assume contornos igualmente preocupantes quando um desmoralizado Legislativo tenta se arvorar, sozinho, no papel de porta-voz do povo. É justamente para que o poder do Congresso não seja excessivo e soberano que existe a figura do veto presidencial a leis aprovadas pelos parlamentares.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Foi desse expediente que o presidente Jair Bolsonaro lançou mão ao vetar uma proposta aprovada pelo Congresso, em dezembro, obrigando o governo a executar 30 bilhões de reais em emendas cuja destinação seria definida — imagina-se com qual critério – pelo relator do Orçamento. Ocorre que, de novo fragilizado politicamente por atitudes e declarações intempestivas que poderia muito bem ter evitado, o mandatário ensaia ceder às pressões cada vez mais escorchantes das excelências. O bom para a democracia é que o sistema de freios e contrapesos às vezes parece funcionar no seio do próprio governo. Diante de mais um claro oportunismo de setores fisiológicos do Parlamento, perante o qual o presidente aparenta demonstrar tibieza, quem se insurge — e falando grosso — é a ala reformista do Planalto. Durante a semana, coube ao general Augusto Heleno, ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional, externar, ainda que sem querer, a vontade de fazer frente ao que entende como chantagem. “Nós não podemos aceitar esses caras chantagearem a gente o tempo todo. Foda-se”, afirmou durante a cerimônia de hasteamento da bandeira na portaria do Palácio da Alvorada, numa declaração que acabou escapulindo na transmissão ao vivo realizada por assessores presidenciais.

Interessados no controle dos gastos, nas reformas e num estado redimensionado para menor, os reformistas do Planalto travam uma queda de braço com setores do Congresso desde o início do governo. Os parlamentares querem mais e mais dinheiro para atender os seus interesses paroquiais. O governo precisa reformar o estado para disciplinar as contas públicas e cobrir o rombo de anos de irresponsabilidade fiscal praticada pelos governos do PT. Heleno, como se nota, marcha ao lado dos reformistas. Imbuído desse espírito, na entrada da reunião ministerial da última terça-feira, 18, no Palácio da Alvorada, o ministro do Gabinete de Segurança Institucional passou uma descompostura no colega Luiz Eduardo Ramos em razão do acordo celebrado pelo ministro da Secretaria de Governo com lideranças do Congresso em favor da derrubada dos vetos do presidente Jair Bolsonaro ao projeto que define o controle da distribuição das emendas parlamentares — aqueles recursos a que deputados e senadores têm direito para destinar a seus redutos eleitorais. Sob os olhares atentos dos demais colegas de Esplanada que se dirigiam à sala onde aconteceria a reunião, Heleno disse a Ramos que o general havia errado ao capitular à pressão do Legislativo. Segundo ele, Ramos deveria se valer do peso institucional do governo para reverter a situação. O constrangimento foi geral.

Já durante a reunião ministerial, Heleno atacou frontalmente os presidentes da Câmara, Rodrigo Maia, e do Senado, Davi Alcolumbre. Afirmou que o governo não deve mais aceitar as “chantagens” dos dois, aos quais o ministro se referiu pejorativamente por meio de apelidos. Acrescentou também que ambos se ressentiam de capital político e ficavam particularmente enfraquecidos em anos eleitorais. Ao fim e ao cabo, o general ainda sugeriu que Jair Bolsonaro convocasse o povo a tornar as ruas, caso necessário.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Adriano Machado/Crusoé

Rodrigo Maia e Alcolumbre foram os alvos principais da ira de Augusto Heleno

As declarações de Heleno expuseram a divergência dentro do próprio governo sobre como lidar com o Congresso e atearam ainda mais fogo à contenda entre Executivo e Legislativo pelo controle de parte do Orçamento da União para 2020, que totaliza 3,6 trilhões de reais. Embora considere infrutífera uma briga com o Congresso agora e trabalhe nos bastidores para evitar o esgarçamento da relação, o ministro da Economia, Paulo Guedes, situa-se na mesma trincheira de Heleno quanto ao risco do engessamento dos recursos. O ministro quer diminuir as chamadas verbas carimbadas, o pesadelo de todo e qualquer ministro da Economia. Trata-se do dinheiro previsto no Orçamento que já conta com destinação definida na largada, sem que o governo possa manejá-lo como bem entender. Em paralelo, Guedes trava uma batalha dentro e fora do Planalto para conseguir fazer as reformas deslancharem.

Nos últimos dias, o titular da Economia demonstrou insatisfação com a área política do governo. A auxiliares, Guedes reclamou que ministros e assessores palacianos não entendem que as reformas precisam ser "ousadas", não um arremedo, e acabam convencendo o presidente Jair Bolsonaro a amenizar as propostas necessárias ao desenvolvimento do país. Segundo interlocutores, o titular da Economia avalia que, se as reformas não forem apresentadas logo e de forma robusta, as perspectivas de crescimento da economia poderão cair, afetando a imagem pessoal de Bolsonaro e, como consequência, do governo como um todo. O foco da insatisfação mais recente envolve a reforma administrativa. Guedes queria uma proposta mais audaciosa. Ministros palacianos, porém, atuam para convencer Bolsonaro a retirar seus pontos polêmicos justamente para adequá-la aos inconfessáveis interesses do Congresso.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Por outro lado, como **Crusoé** revelou ao longo da semana, ministros donos de assento no Palácio do Planalto relatam desconforto com as recentes declarações de Guedes, como a de chamar servidores públicos de parasitas e a lamentar viagens de empregadas domésticas para a Disney, num contexto de defesa da alta do dólar. Na quinta-feira, 20, Guedes desculpou-se publicamente. Durante a semana, o Planalto chegou a discutir a confecção de uma nota corrigindo o estrago das declarações de Guedes, mas o movimento acabou sendo abortado no nascedouro para evitar amplificar os decibéis da confusão. O problema é que o ministro tomou conhecimento e, por pouco, não abandonou o barco com ele em andamento. Para o país, seria uma catástrofe. Além da discussão sobre os vetos ao Orçamento impositivo, teria sido esse um dos assuntos debatidos numa reunião convocada às pressas na noite de terça-feira, 18, com a presença do trio de ferro do governo — Guedes, Ramos e Heleno.

Na tentativa de impedir o pior, Bolsonaro resolveu fazer um desagravo ao ministro durante a posse do general Braga Netto na Casa Civil, pouco antes da reunião. “Se Paulo Guedes tem alguns problemas pontuais e sofre ataques, é muito mais pela sua competência do que por possíveis deslizes, que eu também já cometi muito no passado”, afirmou o presidente. “O Paulo não pediu para sair, tenho certeza de que ele vai continuar conosco até o último dia”, disse o presidente, chamando a atenção para a ameaça de Guedes, até então só conhecida intramuros. Aparentemente, o risco de o ministro deixar a Esplanada foi contornado. A pessoas próximas, Guedes diz que “por ora” permanece no governo. A depender do desenlace da nova refrega com o Congresso, sua disposição pode ser outra.

Marcos Corrêa/PR

Durante a posse de Braga Netto, Bolsonaro fez um desagravo a Paulo Guedes

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

No meio do caminho encontra-se o presidente da Câmara, Rodrigo Maia, a praticar o "bicanoísmo", a conhecida prática de acomodar um pé em cada canoa. Ora ele se apresenta ao lado das reformas, e vende-se como o seu principal fiador, ora submete-se aos caprichos de suas bases no Congresso, compostas majoritariamente pelo ultrafisiológico Centrão, o notório agrupamento de legendas ávidas por verbas e cargos. Na quarta-feira, 19, o presidente da Câmara subiu o tom ao reagir às declarações de Heleno. "É uma pena que um ministro com tantos títulos tenha se transformado em um radical ideológico contra a democracia, contra o Parlamento", exaltou-se Maia. Davi Alcolumbre, outro interessado na querela, também reagiu ao general. "Nenhum ataque à democracia será tolerado pelo Parlamento. O momento, mais do que nunca, é de defesa da democracia, independência e harmonia dos Poderes para trabalhar pelo país. O Congresso Nacional seguirá cumprindo com as suas obrigações", afirmou o presidente do Senado. Heleno, porém, dobrou a aposta. "Se desejarem o parlamentarismo, mudem a Constituição", escreveu no Twitter.

No apagar das luzes de 2019, Maia não estava nada exaltado. Pelo contrário. Deixou correr sob suas vistas uma operação que retirou do Executivo um total de 3,8 bilhões de reais em créditos suplementares enviados para o Ministério do Desenvolvimento Regional (MDR), então comandado por Gustavo Canuto. Aprovado numa série de rápidas votações, conforme revelou *O Antagonista*, esse dinheiro já saiu do ministério carimbado por caciques partidários em convênios direcionados a atender conveniências regionais, como revitalização de praças, pavimentação de ruas e construção de pontes. Os recursos não são contabilizados entre as chamadas emendas impositivas e foram negociados pelo grupo de líderes partidários ligados a Alcolumbre e Maia — cujo critério é desconhecido.

O pano de fundo da reedição da briga entre Congresso e Executivo é a busca incessante do Parlamento pela reconquista do que perdeu. Com o fim dos ministérios "de porteira fechada", os congressistas tentam encontrar novas maneiras de irrigar suas bases eleitorais com dinheiro público. O que está em jogo é de quem será o poder de decidir quando as emendas parlamentares serão executadas e para onde elas serão destinadas. Tradicionalmente usadas como moeda de troca em votações de interesse do Palácio do Planalto, as emendas ganham ainda mais relevância em anos eleitorais como 2020. Na prática, a proposta aprovada pelo Congresso obrigava o governo a executar 30,1 bilhões de reais em emendas do relator e outros 687 milhões de emendas de comissões em até 90 dias. Bolsonaro, porém, vetou trechos do projeto, sob o argumento de que a matéria amarraria ainda mais a execução do Orçamento. O Congresso reagiu de imediato e se articulou para derrubá-los ainda em dezembro. O recesso parlamentar, porém, arrefeceu os ânimos. Mas tão logo os trabalhos foram retomados, em fevereiro, os caciques do Centrão

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

se rearticularam. Percebendo uma iminente derrota, o governo convocou os parlamentares para a mesa de negociações. No dia 11 de fevereiro, Executivo e Legislativo anunciaram um acordo. Pelo acerto, o governo decidiria o destino de 11 bilhões dos 31 bilhões de reais previstos inicialmente para as emendas. Em troca, deputados e senadores aceitavam manter os vetos a pontos considerados sensíveis pelo governo. Entre eles, o prazo de 90 dias para o Executivo empenhar as emendas do relator e o artigo que previa punição caso o governo não executasse os pagamentos. Foi contra esse acerto que Heleno se insurgiu.

O assunto não está encerrado. O Congresso enxerga "jogo duplo" nas ações do governo. A fragilidade política do presidente joga a favor da turma que não se constrange em praticar o fisiologismo em plena luz do sol. Na última semana, o destempero verbal do mandatário, demonstrado no ataque a uma repórter da *Folha de S.Paulo*, fez o termo "crime de responsabilidade" — dispositivo constitucional capaz de justificar um pedido de impeachment — voltar a ser sussurrado nos corredores de Brasília. Ao testar permanentemente os limites do decoro, e ficar refém de um Congresso que nunca inspirou confiança, Bolsonaro brinca com a sorte e torna o ar que se respira no Palácio do Planalto cada vez mais rarefeito. Não foi à toa que os generais voltaram a ganhar espaço e poder no palácio. Ainda que a sugestão de Heleno de partir para o enfrentamento com os congressistas fique apenas nas palavras, o fortalecimento do chamado Estado Maior do Planalto — agora com mais um general, na Casa Civil — é uma maneira de blindar o gabinete presidencial contra as maquinações em curso do outro lado da Praça dos Três Poderes. A guerra fria está apenas começando.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

CANAL ÚNICO PDF O JORNALEIRO
ACESSE: t.me/jornaiserevistas

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Cena do vídeo publicado por Flávio Bolsonaro: imagens fortes e história estranha

Cadáver ambulante

As polêmicas imagens do corpo de Adriano da Nóbrega abrem uma guerra de narrativas e ampliam as dúvidas sobre o que há por trás da operação que matou o miliciano

21/02/2020 00:58

HUDSON CORRÊA

► OUVIR NOTÍCIA

Quase duas semanas após a morte do ex-capitão da PM Adriano da Nóbrega, baleado na Bahia no último dia 9, seu corpo ainda insepulto e à espera de novas perícias deixou de ser apenas um caso de polícia. O presidente Jair Bolsonaro e seu filho 01, o senador Flávio Bolsonaro, trouxeram a morte do homem acusado de ser miliciano para a mais alta roda política da República. Sempre intolerantes com acusados de crimes, os dois

reajustaram o discurso no caso Adriano, denunciado pelo Ministério Público por chefiar o Escritório do Crime, responsável por vários homicídios no Rio de Janeiro, e expulso da PM por dar segurança a chefes do jogo do bicho. O clã Bolsonaro levanta suspeitas de que Adriano sofreu tortura e foi executado como queima de arquivo pela PM da Bahia, governada pelo PT.

A cruzada dos Bolsonaro ganhou as redes sociais. Na terça-feira dia 18, o filho 01 do presidente publicou no Twitter o vídeo de um cadáver sobre uma mesa de ferro, identificado como o corpo de Adriano da Nóbrega por uma etiqueta nas costas e examinado por duas pessoas com luvas cirúrgicas. Como se estivesse diante de provas periciais, Flávio escreveu que o ex-capitão teve sete costelas quebradas, levou coronhada na cabeça e havia marcas de tiros à queima-roupa. Os órgãos oficiais responsáveis pela necropsia negam que as filmagens tenham ocorrido nas suas instalações e, dessa forma, lançam suspeitas sobre como Flávio obteve as imagens do cadáver do ex-capitão com o qual ele diz que não tinha ligação.

Até quinta-feira, o corpo de Adriano estava no Instituto Médico Legal do Rio de Janeiro. A primeira necropsia, realizada logo após a morte dele pelo Departamento de Polícia Técnica da Bahia, corrobora a versão de que Adriano reagiu à prisão a tiros de pistola e morreu no fogo cruzado. **Crusoé** localizou as funerárias pelas quais passou o corpo do ex-capitão. Elas também negam que a filmagem publicada por Flávio — assim como fotografias do cadáver que vieram a público na semana passada, acompanhadas de versão similar à encampada pela família presidencial — tenha sido feita em suas dependências. Se estiverem falando a verdade, só há duas opções: ou o material publicado por Flávio é fajuto ou o corpo passou por instalações ainda não identificadas.

Esse é mais um mistério a ser desvendado no caso. O outro é de ordem política: por que o presidente da República e seu filho, conhecidos por entoar o discurso de que "bandido bom é bandido morto", estão agora tão empenhados em reproduzir as queixas dos familiares e amigos de Adriano? A disputa de narrativas prossegue. Se de um lado os Bolsonaro corroboram a versão de que o ex-capitão foi torturado e executado sumariamente, de outro o governador petista Rui Costa, chefe da polícia que executou a operação, explora politicamente as ligações do clã com Adriano, que chegou a ser homenageado pelo então deputado Flávio Bolsonaro na Assembleia do Rio e teve a mãe e a ex-mulher empregadas no gabinete do filho 01 do presidente. Ao que tudo indica, a explicação para a celeuma em torno do caso guarda relação com documentos e aparelhos eletrônicos colhidos pelos policiais baianos logo após a ação em que o miliciano foi morto. Em mais um de seus pronunciamentos matinais à porta do Palácio da Alvorada, Bolsonaro levantou a hipótese de os investigadores encarregados de periciar os telefones coletados com Adriano forjarem áudios e mensagens que possam comprometê-lo.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Adriano Machado/Crusoé

Foi Bolsonaro quem falou primeiro sobre a possibilidade de surgirem mensagens e áudios dos celulares de Adriano com potencial para prejudicá-lo

O ex-capitão morreu em um sítio em Esplanada, a 170 quilômetros de Salvador, onde se escondia. Seu corpo passou por perícia no IML do município vizinho de Alagoinhas. De lá seguiu, no dia 11, para a funerária Leal, localizada na mesma cidade. Irmã do ex-policial, a empresária Tatiana da Nóbrega passou uma procuração para um funcionário da funerária registrar a certidão de óbito e obter no cartório uma guia de cremação. A intenção da família era cremar o corpo no dia seguinte, no Rio de Janeiro. O empresário Vitor Leal, dono da funerária, disse que o corpo ficou menos de 24 horas no laboratório do estabelecimento, onde foi preparado para o traslado. Depois disso foi levado de carro até Salvador e depois, num voo comercial, seguiu à noite para o Rio de Janeiro. Leal negou que tenha visto ou autorizado alguma filmagem do cadáver.

Sócio da funerária Santa Casa Nilópolis, na Baixada Fluminense, o empresário Sandro Vargas diz que recebeu o corpo no Rio de Janeiro e, logo depois, precisou embalsamá-lo porque já havia os primeiros sinais de decomposição. O corpo seria cremado na sequência, mas a Justiça proibiu até que as investigações sejam concluídas. Vargas afirma que possui 36 câmeras de segurança na funerária e seus funcionários não podem entrar com celulares no laboratório onde ficam os corpos. Qualquer filmagem dependeria de autorização por escrito na família, o que não houve, afirma o empresário. Ele é taxativo ao negar que o vídeo divulgado por Flávio tenha sido gravado em seu laboratório.

É claro que pode ser só coincidência, mas a página da funerária no Facebook traz fotos do dono da funerária ao lado do presidente Jair Bolsonaro e do senador Flávio, datadas de março de 2015. O empresário diz que encontrou por acaso o então deputado, hoje presidente, na inauguração da loja da Kopenhagen de Flávio, no Shopping Via Parque, na Barra da Tijuca. Vargas afirma ser eleitor incondicional de Bolsonaro, mas que nunca “teve a felicidade” de reencontrá-lo.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

A viúva de Adriano pediu à Justiça que o corpo de Adriano fosse transferido da funerária para o IML do Rio, a fim de garantir seu bom estado, numa câmera de refrigeração, até a realização de novas perícias – determinadas pela Justiça da Bahia. Um juiz baiano ordenou que o translado fosse feito no prazo de 24 horas, mas a decisão só foi cumprida no domingo, dia 16, depois de a viúva reclamar que o corpo continuava na funerária de Vargas sob risco de decomposição e de perdas de provas periciais. Nesta quinta-feira, 20, uma equipe de técnicos da Bahia e do Rio começaram finalmente a necropsia no IML.

Agência Senado

O governador petista Rui Costa respondeu o presidente e negou que o miliciano tenha sido executado

Os aparelhos celulares de Adriano, que estão sendo analisados pelo Ministério Público do Rio, podem indicar quais relações o ex-policial mantinha com milicianos e também com políticos, sempre interessados nos currais eleitorais das favelas dominadas pela quadrilha. No sábado, 15, Bolsonaro afirmou em um evento que foi iniciativa dele, e não de Flávio, condecorar o então capitão, em 2005, com a medalha Tiradentes da Assembleia Legislativa do Rio. “Ele (Adriano) era um herói da PM”, afirmou o presidente. Até aqui se sabia que a homenagem partira apenas do então deputado estadual Flávio. Quando recebeu a honraria, o ex-policial estava preso acusado de matar um guardador de carros que denunciara a milícia. O então deputado o visitou na cadeia.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

O presidente e o filho 01 garantem que não têm ligações com as milícias do Rio de Janeiro, mas evitam atacá-las e ignoram as acusações contra o ex-capitão aceitas pela Justiça na ação penal que corre contra o Escritório do Crime. Noutra frente, alimentam a suspeita de que Adriano foi torturado por policiais da Bahia, num complô do PT que comanda o Estado. Os torturadores estariam atrás de informações que comprometessem Bolsonaro com as milícias. Por essa teoria, o ex-capitão foi morto em seguida, como queima de arquivo.

Crusoé obteve os depoimentos de policiais que atuaram na operação que acabaria matando o ex-capitão e dão detalhes sobre o que teria acontecido. No início de fevereiro, a polícia localizara Adriano da Nóbrega numa casa de luxo alugada na Costa do Sauípe, no litoral baiano, mas ele conseguiu escapar do cerco. Um oficial da PM baiana revela que o ex-capitão fugiu para Sergipe, mas estranhamente voltou para a Bahia alguns dias depois. Ele então se hospedou na casa do pecuarista Leandro Abreu Guimarães, a quem conhecia de eventos de vaquejada. À polícia, Guimarães afirmou que buscava uma propriedade no valor de 100 mil reais para Adriano comprar e montar um haras. O ex-policial, segundo o pecuarista, circulava numa caminhonete Hilux branca com "placa policial" do Pará — esse veículo ainda não foi apreendido pela polícia.

No rastro do miliciano, os investigadores identificaram a fazenda de Guimarães como um possível esconderijo. Na noite de sábado, dia 8, por volta das 23 horas, 70 policiais que participariam do cerco à propriedade se reuniram na cidade de Esplanada. Dois delegados da Polícia Civil do Rio que haviam viajado à Bahia especialmente para participar da caçada a Adriano passaram um briefing sobre o alvo. Disseram que era um ex-policial com curso de atirador de elite, de sobrevivência na mata e treinamento em operações de montanha. A fazenda de Guimarães fica no alto de um morro cercada de ribanceiras. Os policiais se dividiram em três equipes: uma iria por terra, outra em carros e a terceira a bordo de um helicóptero. Naquela noite de sábado, enquanto os policiais preparavam a operação, Adriano recebeu uma mensagem no celular, possivelmente de sua mulher, que avisava sobre um cerco da polícia. Guimarães disse que foi obrigado por Adriano, sob ameaça de morte, a levá-lo para um sítio a 10 quilômetros de distância.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Reprodução/redes sociais

Adriano da Nóbrega em uma das ocasiões em que foi preso no Rio: homenageado na Assembleia

Por volta das 6 horas da manhã do dia seguinte, a polícia cercou a fazenda de Guimarães. Segundo depoimentos dos policiais, a PM lançou granadas de fumaça e de luz e som, que assustam pela explosão. Também fizeram disparos de advertência para o alto como forma de atordoar o alvo e evitar qualquer tipo de reação violenta. Guimarães e sua mulher deixaram a casa com as mãos para o alto, segundo o testemunho. Adriano já não estava na casa, segundo o relato. Alegando ter medo, Guimarães não quis revelar o paradeiro do homem que havia hospedado até a véspera. Um oficial que participava da missão conversou com moradores da região, mostrou as fotos de Adriano e diz ter conseguido a informação de que o miliciano costumava ser visto próximo a um sítio, a alguns quilômetros dali, sempre dirigindo uma camionete branca.

Os policiais então cercaram a propriedade. Segundo eles, ao perceber o movimento, Adriano deixou-se ver com uma pistola na mão. Dessa vez, ainda não se sabe o motivo, a PM preferiu não usar granadas de efeito moral. Optou por uma “célula tática”, unidade formada por três policiais protegidos por um escudo à prova de balas. Eles arrebentaram a porta com um aríete e, segundo relatam, entraram em confronto com o alvo em um dos cômodos da casa. Adriano teria atirado no escudo empunhado por um dos soldados, enquanto o outro respondeu com tiros de carabina. O terceiro militar fez disparos com um fuzil 762. A PM diz que Adriano ainda foi levado com vida ao hospital mais próximo, mas morreu pelo impacto das balas e em decorrência de anemia provocada pela perda de sangue. O resultado da nova perícia no cadáver deve ser conhecido em breve, mas a história, com suas variadas versões, ainda está longe de terminar.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

SABE DA ÚLTIMA? O JORNALEIRO SABE!
CANAL ÚNICO PDF O JORNALEIRO
ACESSE: t.me/jornaiserevistas

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

O comércio da 25 de Março, em São Paulo, é uma das fontes da dinheirama entregue a políticos

As fábricas de dinheiro

De onde saem os milhões de reais em espécie que abastecem os grandes esquemas de corrupção

21/02/2020 00:58

FABIO LEITE

► OUVIR NOTÍCIA

Na Rua 25 de Março, quem paga em cash ganha desconto. A máxima é um dos atrativos que levam diariamente milhares de consumidores ao mais famoso comércio popular do país, no centro histórico de São Paulo. Lá, eles encontram uma variada gama de produtos baratos, como brinquedos, roupas e eletrônicos, a maioria importada da China. O movimento só retrai quando ocorrem operações esporádicas de combate à pirataria, que enchem viaturas com itens contrabandeados ou de origem duvidosa. O sucesso das blitze,

contudo, dura tanto quanto uma notícia sensacionalista no jornal. No dia seguinte, o vaivém de lojistas e compradores evidencia o efeito "enxugar gelo" das fiscalizações. Afinal, as ações midiáticas nunca ameaçaram o mais valoroso "subproduto" da economia local: o comércio de dinheiro vivo.

Delações de doleiros, depoimentos de operadores e registros de transportes de valores obtidos por **Crusoé** mostram, em detalhes, como a 25 de Março funcionou como uma espécie de Casa da Moeda do mercado paralelo que abasteceu grandes esquemas de corrupção, como o da Odebrecht e o das empresas de coleta de lixo da capital paulista, como a Estre Ambiental. A mais recente operação da Polícia Federal em São Paulo, deflagrada com o nome de Chorume, descobriu uma nova organização que arrecadava com comerciantes da praça malotes recheados de dinheiro. No desenrolar do propinoduto, as mesmas notas iam parar nos bolsos de políticos e agentes públicos corruptos. Segundo as investigações, o núcleo desse organograma era composto por doleiros com forte atuação na região, entre eles o chinês Lung Tien The, mais conhecido como Jack.

Um empresário que confessou comandar uma rede de empresas de fachada que produziam notas frias para o consórcio de limpeza de rua de São Paulo contou em delação premiada que Jack gerou cerca de 10 milhões de reais em espécie no comércio popular em apenas oito meses. O chinês indicava as contas das importadoras de produtos da China para realizar as transferências de dinheiro. Depois, revendia a mercadoria importada para os lojistas da 25 de Março e entregava o dinheiro em espécie que recebia como pagamento dos comerciantes no escritório de advocacia do pai do delator, cobrando uma comissão de até 2,5% pela operação. Era lá que os intermediários das empresas de lixo buscavam as quantias destinadas ao suborno. Em uma ponta, dinheiro desviado de contratos públicos pagava os fornecedores dos lojistas do centro e, na outra, as notas de reais entregues pelos consumidores interessados nos descontos financiavam políticos mancomunados com os desvios.

As empresas de Jack ficam nos fundos de uma galeria com 90 lojas que vendem produtos chineses. Em dezembro de 2012, o local foi alvo de uma megaoperação contra a pirataria que apreendeu 103 mil itens sem nota em metade dos boxes. Embora estivesse sem alvará, o shopping popular não foi lacrado e o comércio prosseguiu. Naquele mesmo período, segundo documentos entregues por Gabriel Claro, o delator do esquema, foram feitos depósitos de 4,9 milhões de reais na conta de uma empresa fornecedora de malas e mochilas indicada pelo doleiro chinês para o esquema de desvio de dinheiro das empresas de lixo. As transações foram cobertas com notas frias emitidas pelo cipoal de empresas

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevista

controladas por Claro. A PF estima que todo o esquema tenha resultado em 400 milhões de reais em espécie, entre 2012 e 2017. O auge das operações foi em 2014, ano marcado pela farra do caixa 2 eleitoral. Os investigadores ainda mapeiam quem foram os destinatários finais dos recursos.

Eduardo Anizelli/Folhapress

Operadores da Odebrecht, por exemplo, usavam dinheiro em espécie obtido no comércio popular nos pagamentos a políticos

A exatos 110 metros de distância da galeria de Jack, no coração da 25 de Março, uma tradicional rede de comércio varejista serviu como ponto de coleta de milhões de reais em espécie operados por um outro grupo de doleiros. Era em frente à loja matriz do Armarinhos Fernando, aberta na década de 1970 por um empresário português e que vende praticamente de tudo, que os agentes da Transnacional encostavam com o carro-forte para buscar malotes de dinheiro. A transportadora de valores foi usada pelos operadores contratados pela Odebrecht para efetuar os pagamentos ilícitos do propinoduto da empreiteira em São Paulo. Entre eles, havia um outro chinês chamado Wu Yu Sheng, ou Molleja, que está foragido até hoje. Sheng era frequentemente acionado pela rede de doleiros por causa da facilidade que tinha em levantar grandes quantias de reais em espécie com comerciantes do centro.

Mensagens trocadas por Skype entre os funcionários da Transnacional mostram mais de 50 retiradas de dinheiro programadas na famosa loja da 25 de Março, entre 2013 e 2015. Quase todas as viagens eram agendadas para o fim da tarde, quando o caixa já estava cheio e o movimento de rua já tinha diminuído. As conversas vinculam os valores coletados no armarinho a outras duas empresas de importação que fornecem produtos para a rede varejista – ou seja, um esquema semelhante ao que foi feito no caso das empresas de lixo.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

“No recolhimento da 25 de Março hoje além dos 300 da Etilux vai ter mais 200.000 (...) Vai ser mais ou menos 500.000”, diz uma mensagem enviada no dia 26 de fevereiro de 2014 pela central da transportadora, no Rio de Janeiro, para um dos agentes em São Paulo.

Uma das empresas fornecedoras de dinheiro em espécie, nesse caso, pertence a uma família de libaneses naturalizados brasileiros e atua na importação e distribuição de diversos produtos, como artigos de papelaria, brinquedos e roupas. A outra, a Etilux, que vende itens de cutelaria, foi criada por um empresário sírio e tem na sociedade uma offshore aberta nas Ilhas Virgens Britânicas, conhecido paraíso fiscal do Caribe — a empresa diz que todas as suas transações foram realizadas de forma regular, com emissão de nota fiscal. Em algumas das coletas aparecem menções a retiradas de dinheiro em nome da empresa Mabruk, outra importadora cujo sócio também possui negócios no Panamá, famoso destino de dinheiro desviado dos cofres públicos. O advogado do Armarinhos Fernando, José de Lima, confirmou a **Crusoé** que ao menos duas empresas pediam para receber os pagamentos pelas mercadorias em dinheiro, por meio da transportadora, mas negou qualquer relação da loja com doleiros. “Temos todos os pagamentos documentados. Dali pra frente, o que eles fazem com o dinheiro não nos diz respeito”, afirmou.

Os arquivos da Transnacional revelam o que foi feito com o dinheiro “dali pra frente”. Após serem coletados, os malotes ficavam armazenados na sede da transportadora, na Zona Oeste paulistana, em cofres individuais para cada cliente, incluindo os doleiros. A partir das ordens enviadas pelo famoso departamento de propina da Odebrecht em Salvador, os agentes saíam para fazer as entregas com a quantia exata e a senha que deveria ser dita pelo destinatário da propina. Os códigos eram os mesmos que apareciam nas planilhas da empreiteira com os registros de pagamentos aos políticos. Em setembro do ano passado, na edição 73, **Crusoé** revelou que o delivery da propina em São Paulo movimentou 248,9 milhões de reais em repasses vinculados a 90 codinomes de políticos. Para não chamar atenção, as entregas eram feitas por policiais militares à paisana em veículos menores, sem o logo da empresa.

Em depoimentos prestados no acordo de delação premiada com a Lava Jato, os doleiros Cláudio Barboza, o Tony, e Vinícius Claret, o Juca Bala, contaram aos procuradores que o doleiro Molleja também estocava o dinheiro coletado diariamente com lojistas e ambulantes da 25 de Março em um imóvel alugado na região da Avenida Paulista, onde depois a transportadora ia buscar os malotes. Depois de sofrer um assalto, o chinês passou a mandar seus funcionários entregarem os valores nas salas comerciais alugadas por Juca e Tony para servir de “bunker” da propina, uma delas na Avenida Faria Lima, principal

Canal Único PDF - Acesse: t.me/jornaiserevista

corredor financeiro do país. A relação de endereços de coleta de dinheiro nos arquivos da Transnacional traz ainda lojas de roupas no bairro do Brás, fábricas de confecção na Barra Funda e galpões na região da Cracolândia, todos no centro de São Paulo.

Na véspera do último Natal, cerca de 600 mil pessoas foram à 25 de Março para encher sacolas com presentes. Para quem ainda não estava familiarizado com a lei local, os próprios ambulantes repetiam como mantra o bordão: “Pagando em dinheiro tem desconto”. Passados quase seis anos do início da Lava Jato, a fábrica de papel moeda no centro de São Paulo continua “imprimindo” suas cédulas.

PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Médicos cubanos serão reconvocados pelo governo para atuar nos rincões do Brasil: edital sai até o fim do mês

A volta dos cubanos

O governo vai anunciar em breve a recontratação dos doutores do Mais Médicos que se recusaram a voltar para Havana após o fim do programa brasileiro

21/02/2020 00:58

HELENA MADER

► OUVIR NOTÍCIA

Mais de 1,8 mil médicos cubanos proibidos de atender a população preparam o jaleco e o estetoscópio para voltar à ativa no Brasil. Criticados pelo presidente Jair Bolsonaro, que na campanha prometeu expulsá-los do país com a exigência de revalidação de diplomas, os profissionais serão reconvocados para atuar nos rincões do país — a preferência será para os locais de alta vulnerabilidade ou de difícil acesso. Um edital de chamamento destinado exclusivamente aos cubanos será publicado até o fim do mês pelo Ministério da Saúde. Ainda não há definição de quantas vagas serão abertas, mas a expectativa é a de que a convocação alcance boa parte dos médicos da terra de Fidel que ficaram no Brasil. Eles poderão voltar a clinicar, sem a exigência de revalidar seus diplomas.

Uma lei aprovada no ano passado, a partir de uma medida provisória editada pelo presidente, criou o Programa Médicos pelo Brasil, concebido como sucessor do criticado Mais Médicos, da era petista. O foco do projeto é a atenção primária, especialmente nos

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

lugarejos onde há dificuldade para contratação de profissionais. A lei exige que os participantes dos processos seletivos tenham registro no Conselho Regional de Medicina, mas abre uma brecha. Permite a reincorporação de cubanos por um período máximo de dois anos, desde que eles demonstrem que foram desligados em razão do fim do acordo e comprovem que permaneceram em território nacional como naturalizados, residentes ou refugiados. O texto original da medida provisória não previa a autorização para cubanos atuarem novamente no país, mas parlamentares incluíram esse artigo durante o trâmite da MP no Congresso. O presidente optou por vetar três dispositivos do texto, mas deu aval à reintegração dos médicos cubanos.

Ainda candidato à Presidência, Bolsonaro criticou a contratação dos profissionais em diversos palanques. Em agosto de 2018, prometeu "expulsar com o Revalida os cubanos do Brasil". O Revalida é a prova que libera os médicos formados no exterior para atuarem no país. Um ano depois, já no Planalto, o presidente afirmou que os cubanos "não são tão bons médicos assim", mencionando o caso do venezuelano Hugo Chávez, que tratou, sem sucesso, de um câncer em Cuba. Bolsonaro ainda chegou a acusar o Mais Médicos de formar "núcleos de guerrilha" no Brasil.

Pedro Ladeira/Folhapress

Na era petista, cubanos tinham que destinar 75% do salário para o regime

Como mostraram reportagens de **Crusoé**, alguns médicos que atuaram no Brasil durante o governo do PT chegaram a denunciar que consultores internacionais contratados para atuar aqui pela Organização Pan-Americana da Saúde, a Opas, seriam na verdade comissários políticos guiados pelo regime de Havana. Era para esses consultores que os médicos deviam informar os seus passos. A coordenação foi marcada por excessos, uma rede de vigilância exercia controle total sobre eles. Além disso, de acordo com as mesmas denúncias, os tais consultores teriam estruturado uma espécie de arrecadação mensal para contribuição

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

24 reais. O dinheiro era arrecadado em cada município e transferido para a conta do coordenador estadual, que, por sua vez, repassava o montante para a coordenação nacional. Espera-se que, agora, a história seja diferente. Uma coisa já é certa: o Ministério da Saúde diz que os cubanos receberão bolsas de 12 mil reais e, dessa vez, ficarão com a integralidade do dinheiro.

Já se espera reação. As associações médicas brasileiras não estão nada satisfeitas com a reabertura do mercado de trabalho para os cubanos. Desde 2013, essas entidades questionam o Mais Médicos e a contratação de profissionais estrangeiros sem a revalidação dos diplomas. Os médicos chegaram a entrar em choque com o PT por causa do programa, vitrine da então presidente Dilma Rousseff para a área da saúde. “Vemos com muito estranhamento essa decisão do governo de chamar médicos cubanos antes mesmo da implementação do programa Médicos pelo Brasil. O ministério poderia fazer um chamamento para profissionais brasileiros, com base no novo modelo de contratação criado pela lei”, queixa-se Diogo Leite Sampaio, vice-presidente da Associação Médica Brasileira. “Muitos desses cubanos que vieram para o Brasil nem sequer são médicos formados. O governo não se preocupou em avaliar a qualificação dessas pessoas”, diz..

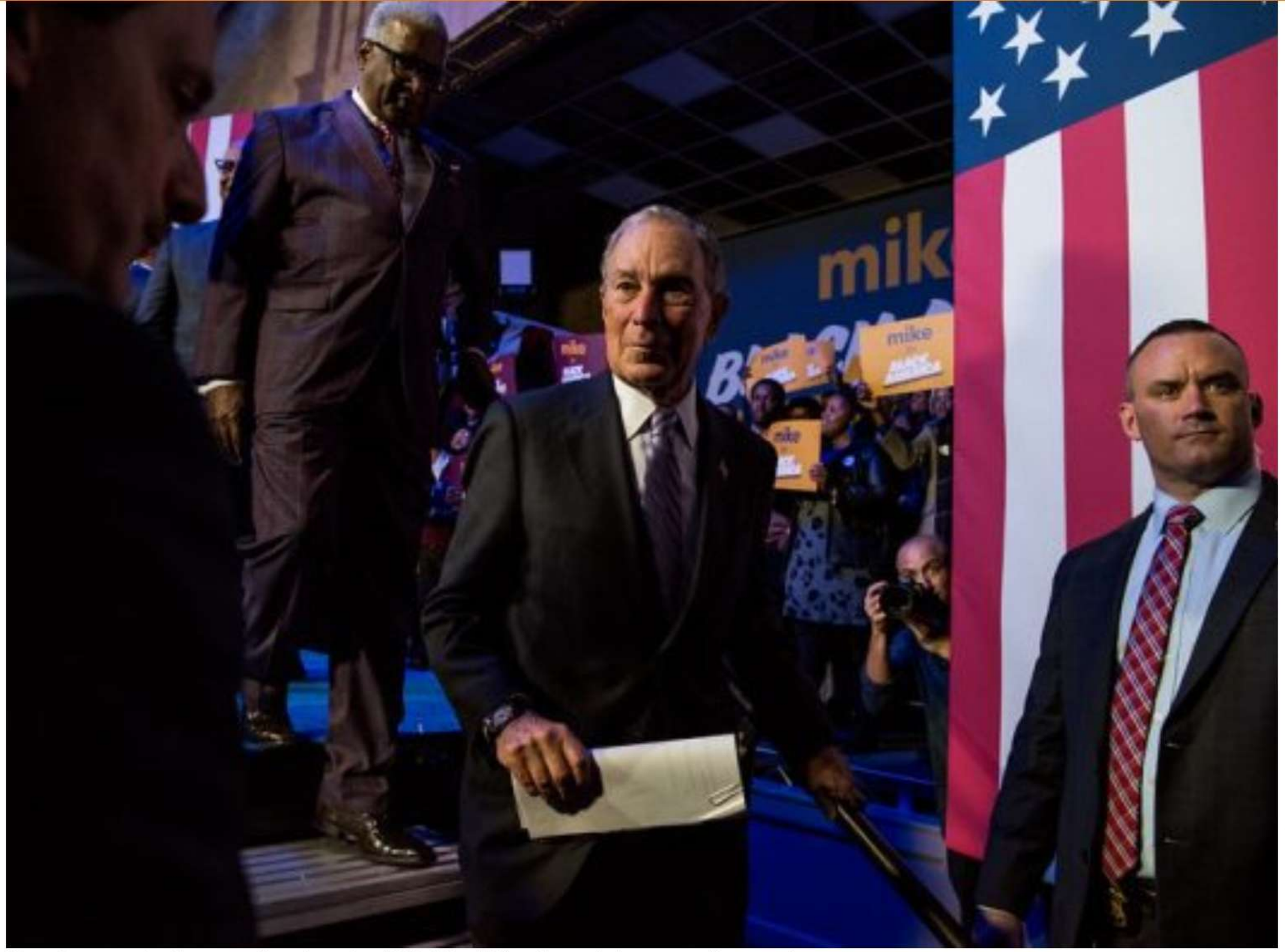
A decisão do governo repercutiu mal também entre médicos brasileiros formados no exterior e que ainda não conseguiram revalidar os diplomas. Formada em uma faculdade de Buenos Aires, Carolina Vinhas considera-se uma exilada na Argentina. Em setembro, ela recorreu à Justiça e conseguiu uma liminar para ser integrada ao Mais Médicos. Mas a decisão nunca foi cumprida. Em setembro, a baiana foi à porta do Ministério da Saúde para cobrar do chefe da pasta, Luiz Mandetta, sua admissão. O vídeo em que ela pressiona o político viralizou entre os quase 20 mil profissionais brasileiros que se formaram no exterior e lutam para trabalhar no país. “O ministro virou as costas e me deixou falando sozinha. O governo não faz o Revalida desde setembro de 2017 e, enquanto isso, o Brasil enfrenta um surto de sarampo e problemas graves na atenção básica. É inadmissível o ministério pensar em contratar cubanos que não revalidaram diplomas e deixar de fora brasileiros na mesma situação”, reclama Carolina, que pretende ir à Justiça contra o edital para os cubanos.

Canal Unico P
DF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Yoanes Rodriguez quer se candidatar a uma das vagas: "Ansiedade é grande"

Em nota, o Ministério da Saúde informou que só convocará os médicos estrangeiros enquadrados pela lei que criou o Médicos pelo Brasil. O programa Mais Médicos conta hoje com 13.845 profissionais, que atuam em 3.564 municípios. Quando sua nova versão for implantada e estiver em pleno funcionamento, o total de profissionais deve chegar a 18 mil. Ainda de acordo com o ministério da Saúde, todas as 8.517 vagas abertas após o rompimento do contrato com o governo de Cuba foram preenchidas por médicos brasileiros. Yoanes Infante Rodriguez, 39 anos, viajou de Havana ao Brasil em 2014 e permaneceu vinculado ao Mais Médicos até o fim do contrato com Cuba. Enquadrado em todas as exigências legais, ele pretende se candidatar a uma das vagas que serão abertas pelo governo. "O povo gosta da gente e precisa demais do nosso trabalho. Estou há mais de um ano sem exercer a profissão, então é grande a ansiedade com a convocação", diz o cubano, que vive na cidade potiguar de Mossoró com a mulher, brasileira, e hoje trabalha em uma farmácia.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas



Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Bloomberg em ato de campanha: ele gastou US$ 400 milhões de sua fortuna na pré-campanha

Bilhões em cena

O magnata Michael Bloomberg entra na disputa democrata como opção moderada e se torna alvo dos correligionários e da imprensa

21/02/2020 00:58

DUDA TEIXEIRA

► OUVIR NOTÍCIA

Com o "socialista democrático" Bernie Sanders liderando com dez pontos percentuais de vantagem as pesquisas entre os pré-candidatos do Partido Democrata, cresceu o desespero para encontrar uma alternativa moderada capaz de derrotar Donald Trump nas eleições de novembro. No entanto, apresentar-se como opção viável é entrar em confronto direto com os principais nomes democratas e com boa parte da imprensa americana, como bem percebeu o bilionário Michael Bloomberg. Ao se atrever a entrar na corrida, ele está levando bordoadas de todos os lados.

Em menos de dois meses, Bloomberg subiu de 4% para 18% na média das pesquisas. Isso açulou ainda mais os seus detratores. Bloomberg está sendo acusado de querer comprar a nomeação do Partido Democrata. Ele gastou 400 milhões de dólares do próprio bolso com bons assessores e com propaganda nas redes sociais e em horário nobre na televisão. É um valor alto para qualquer candidato, ainda mais porque Bloomberg não recebe doações. A campanha de Trump nas eleições de 2016 gastou 325 milhões de dólares ao longo de 21 meses – desse total, apenas um quinto disso saiu de suas contas pessoais.

A imprensa também tem batido forte em Bloomberg. Para alguns, os 10 bilhões de dólares que ele dedicou nos últimos anos a programas filantrópicos ou a causas como luta contra o aquecimento global e controle de armas não seriam nada mais que uma maneira oportunista de pavimentar sua corrida presidencial. Notícias dos últimos dias chamaram a atenção até para as comidas oferecidas por garçons nos eventos de campanha do multibilionário: vinho, sanduíches, wraps e enroladinhos de salsicha kosher. Em vez de convencer eleitores, Bloomberg estaria tentando cooptá-los.

Reprodução

Bernie Sanders: para os democratas moderados, ele não tem chance

Mas a verba infinita não explica, por si só, a ascensão do magnata. “Essa ideia de comprar a nomeação não faz sentido. O dinheiro pode ajudar, mas o que importa mesmo é a mensagem”, diz o cientista político e economista americano Michael Munger, da Universidade Duke. Em 2016, Jeb Bush, irmão do ex-presidente George W. Bush, gastou 130

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevist

milhões de dólares para ser escolhido o nome do Partido Republicano. Não venceu em um único estado americano. Naquele mesmo ano, Hillary e Bill Clinton gastaram mais do que o dobro de Donald Trump na campanha e perderam. Exemplos opostos — de candidatos com pouco gasto que foram eleitos — também existem. No Brasil, Jair Bolsonaro se orgulha de ter vencido a eleição com 2,8 milhões de reais. O valor daria cerca de 650 mil dólares atualmente.

A razão por trás da subida de Bloomberg é que muitos eleitores democratas estão ávidos para achar alguém que possa vencer Trump. Joe Biden sempre se promoveu com essa etiqueta. O problema é que ela não cola mais. Em maio, ele tinha 41% das intenções de voto entre democratas. Agora tem só 17%. No último debate em Las Vegas, ele foi ignorado. Nas duas disputas primárias, em Iowa e New Hampshire, não ficou entre os dois primeiros. Se não vencer as primárias da Carolina do Sul, no dia 29, suas chances evaporam. “A principal qualidade que os eleitores mais moderados estão buscando é a capacidade de vencer Trump. Eles não acham que um radical como Sanders teria alguma chance. Com Biden indo mal, eles estão desesperados atrás de uma alternativa”, diz Carlos Gustavo Poggio, professor de Relações Internacionais.

Reprodução

Elizabeth Warren comparou Bloomberg com Trump e o acusou de misógino

Canal Unico P
DF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

No debate democrata em Las Vegas, Bloomberg foi torpedeado sem piedade. A pré-candidata democrata Elizabeth Warren o comparou a Trump e o acusou de misógino: “Gostaria de falar sobre quem está concorrendo conosco: um bilionário que chama mulheres de gordas e lésbicas com cara de cavalo. E não, não estou falando de Donald Trump. Estou falando de Michael Bloomberg”. No passado, Bloomberg foi acusado de assédio por ex-funcionárias e assinou com elas acordos de confidencialidade. “Talvez elas não tenham gostado de uma piada que eu fiz”, respondeu ele no debate. Apesar da fortuna que está gastando, Bloomberg mostrou-se completamente despreparado para o debate.

Outro flanco aberto se deu na discussão sobre a política de segurança adotada em Nova York nos anos 2000, quando Bloomberg foi prefeito da cidade. Policiais foram transferidos para os bairros habitados por minorias, como negros e latinos. Eles também passaram a fazer o “parar e revistar” (stop and frisk, em inglês), abordando jovens em busca de drogas e armas ilegais. Até o início deste ano, Bloomberg defendia a medida. “É preciso gastar dinheiro e colocar muitos policiais nas ruas. Colocá-los onde o crime acontece, ou seja, bairros de minorias”, disse em 2015. Ao entrar na corrida presidencial, as críticas de que a política seria racista e discriminatória se avolumaram. Bloomberg passou, então, a pedir desculpas. “A única coisa com a qual eu estou realmente preocupado, com vergonha, é o que acabou ocorrendo com o parar e revistar. Saiu do controle”, afirmou ele no debate em Las Vegas. Soou mal.

As eleições americanas estão entre as mais competitivas e longas do planeta. Podem durar mais de 500 dias, contabilizado o período de pré-campanha. Qualquer um que apareça agora como uma alternativa para vencer Trump terá de pelear em um embate tenso com os colegas democratas. Ao mesmo tempo, precisa ficar atento e saber responder aos disparos de Trump. Na manhã seguinte ao debate democrata, o atual presidente compartilhou nas redes sociais um vídeo em que o “Pequeno Mike”, como ele chama Bloomberg, é esmagado por um pé gigante. “Isso faz Pequeno Mike parecer bem se comparado ao seu desempenho na última noite. Foi a pior performance na história!”, escreveu Donald Trump.

Canal Unico P
DF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

"O componente cíclico da desigualdade está caindo, desacelerando desde o terceiro trimestre de 2018"

'Pobreza e mercado podem rimar'

Marcelo Neri, o principal pesquisador da miséria no país, explica por que a concentração de renda está em queda e diz que não cabe só ao estado trabalhar pela redução da desigualdade: falta a inserção produtiva

21/02/2020 00:30

FABIO LEITE

► OUVIR NOTÍCIA

Marcelo Neri é daqueles economistas que não brigam com os números. Com uma carreira dedicada a pesquisas sobre políticas sociais, sempre se cercou de estatísticas para diagnosticar os impactos das ações de governo sobre a população mais pobre. Dissecou, por exemplo, os avanços do combate à pobreza com o programa Bolsa Família nos tempos de bonança da economia brasileira e percorreu minuciosamente a escalada da desigualdade durante a recessão. Nesta semana, em novo estudo, o diretor do Centro de

Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas trouxe um quadro alentador: o abismo social no Brasil parou de aumentar. No último trimestre de 2019, a concentração de renda caiu pela primeira vez após mais de quatro anos. E os números apontam para uma queda cíclica a partir deste ano.

Nesta entrevista a **Crusoé**, Neri explica o que o faz acreditar que o Brasil já atingiu o topo da desigualdade e defende o fim do monopólio do estado nas ações de enfrentamento da pobreza. "Acho que pobreza e mercado podem rimar, não tem que ser riqueza e mercado de um lado e pobreza e estado do outro", diz. O economista enxerga efeitos sociais positivos na reforma do ensino médio feita pelo ex-presidente Michel Temer e, embora tenha integrado o governo petista (sob Dilma Rousseff, foi ministro da Secretaria de Assuntos Estratégicos), elogia a proposta do governo Jair Bolsonaro de instituir a meritocracia por desempenho escolar nas regras do principal programa social do país. Sobre a lógica reinante nos auxílios sociais concedidos pelo estado, ele faz um alerta: "O Bolsa Família gera uma dependência eleitoral, que é ruim e precisa ser enfrentada". Eis os principais trechos da conversa.

Esse seu estudo mais recente pretendia responder se o Brasil chegou ao topo da desigualdade. É possível dizer que sim?

Acho que o componente cíclico da desigualdade está caindo, desacelerando desde o terceiro trimestre de 2018. Teve um aumento forte na crise, e foi se tornando menor a cada trimestre, até ser zerado e entrar no azul no último trimestre de 2019. Ele depende da situação do mercado de trabalho e da economia. Então, penso que a gente deixou para trás as notícias ruins. Tem um outro componente estrutural que é importante: a melhora do nível da educação. Dado o atraso secular do Brasil, ele tende a jogar a favor porque vem aumentando ao longo dos últimos 30 anos. É importante ter cuidado com a educação porque ela é a nossa esperança de um crescimento inclusivo. Mesmo no período de crise ela jogou a favor, adicionou 9% de renda nos últimos cinco anos, com efeito maior na base. Acho que a gente pode ter virado o Cabo da Boa Esperança, com esse último dado de 2019, mas ainda é cedo para dizer. A perspectiva da economia brasileira é de redução do desemprego, e a jornada de trabalho já está aumentando. O grande ponto de interrogação é quanto à precariedade do trabalho, que ainda está jogando contra.

Quais são os reflexos da reforma trabalhista aprovada em 2017?

É cedo para dizer. A gente começa a ver agora os efeitos da reforma, que é uma escolha por mais quantidade de trabalho, podendo negociar a sua qualidade. Hoje, a qualidade do trabalho vem caindo e a quantidade aumentando, o que está dentro do script da reforma. Mas ainda não tem nenhum estudo específico que estabeleça a relação causal entre a reforma trabalhista e o mercado de trabalho. Acho importante realizar esses estudos, para medir os ganhos e possíveis perdas.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Mesmo com a melhora da educação sobre a renda ao longos dos últimos anos, os estudos mostram que jovens foram os mais impactados pela crise. Por quê?

Tanto a crise quanto a retomada da economia são bastante influenciadas pelo componente da educação. No boom que houve antes da recessão, o aumento de salário foi maior entre pessoas com pouca escolaridade. Nos últimos tempos tanto as perdas foram maiores para quem tem menos escolaridade, como agora os ganhos foram menores. Os jovens foram os que mais perderam entre 2014 e 2019. Perderam muito no começo da crise porque as empresas, no início, restringiram contratação antes de demitir, o que afetou mais os jovens, que pagaram o preço da falta de experiência. Para você ter uma ideia, enquanto a renda média do país caiu 3,7%, a do jovem caiu 14% e a do jovem sem instrução caiu 51%. O grupo das mulheres de uma maneira geral, por exemplo, que são mais escolarizadas, ganhou na crise 2%, enquanto os homens perderam 5%. Acho que o contexto mundial é o de beneficiar quem tem mais educação.

Rafael Andrade/Folhapress

"Ter regras que premiam e estimulam o sucesso pode transformar uma dependência em ascendência, mudar as mentalidades"

Quais medidas precisam ser tomadas para que essa queda da desigualdade seja cíclica?

É preciso melhorar a qualidade da educação e a conexão da educação com o mercado de trabalho. Acho que a reforma do ensino médio feita pelo Temer atacou isso. A gente já está começando a colher alguns resultados. O Brasil vive um paradoxo. Na época do milagre econômico (*no regime militar*), o Brasil deu um salto de produtividade do trabalho, com escolaridade parada em três anos de estudo por adulto. Depois veio o período da redemocratização e o país deu um salto de 3 para 10 anos de estudo, em média, e a produtividade ficou estagnada. Então, o Brasil é um país dos extremos. Essa conexão entre

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

educação e produtividade do trabalho é um dos elos que estão faltando no país e acho que essa reforma do ensino médio, com a Base Nacional Comum Curricular, ênfase no ensino técnico, e a possibilidade do jovem escolher a trajetória dele, aponta para um caminho promissor.

O sr. destacou como positivas algumas mudanças que foram criticadas pela esquerda recentemente. Como enxerga o debate sobre as reformas nesse contexto de polarização do país?

No Brasil, a gente não tem o hábito de avaliar políticas. Faz muitas mudanças, mas não vê os resultados dela. É importante se debruçar e debater os efeitos de todas essas reformas que o país vem fazendo. Começo a ver algum resultado positivo, não é nada para ser comemorado ainda, mas já estamos saindo da estagnação educacional. Essa fase do ensino médio é a fase em que a gente está perdendo a guerra. Acho que a gente começa a ver alguma mudança, é possível que seja a reforma do ensino médio. E na parte trabalhista a gente tem essa situação meio dupla, de um lado o desemprego caindo, mas o salário ainda caindo também. A vantagem de ter mercado mais flexível é que você pode ganhar na quantidade abrindo mão um pouco do salário. O mercado está operando de uma maneira mais fluida, com as engrenagens mais lubrificadas, ao quebrar o tabu de mexer na CLT, que tinha mais de 70 anos. Agora é preciso avaliar em que medida as mudanças estão causando impacto ou não. Sobre a polarização, analisando dados mundiais mais subjetivos, a gente constata que até 2018 o Brasil estava muito mais complexo do que o mundo, com muita falta de confiança no governo federal, descrédito das lideranças políticas, medo da violência. Existe uma oportunidade de o país normalizar e só a normalização pode provocar um efeito no país como o do Plano Real, quando a gente vivia com uma inflação de 40%. Só a redução da desconfiança, que chegou a 90%, pode permitir esse novo salto. Essa polarização é ruim para o país.

O seu estudo relaciona um aumento de 67% na extrema pobreza entre 2014 e 2018 com desajustes no programa Bolsa Família. Que desajustes eram esses?

São desajustes de quase cinco anos, que começam no final de 2014, no ápice do programa. O valor do benefício foi congelado. Em 2015, a inflação foi de 10%, e o benefício não foi corrigido. Então, a renda dos 5% mais pobres caiu 14%. Primeiro houve redução dos benefícios reais em função do congelamento. Em ano de eleição, o valor sofre reajuste, mas não o suficiente para compensar perdas passadas. Em 2019, teve a formação dessa fila, que havia sido zerada anteriormente. O governo anunciou o 13º salário do Bolsa Família, mas não tinha orçamento para o reajuste. O orçamento nominal ficou congelado. Então, acho que foi uma troca que não valeu muito a pena. Você dá um Natal melhor, mas um ano pior para os beneficiários do programa. Acho que o problema na distribuição tem atrapalhado a retomada da economia. Ali na base a economia gira mais. Nesse ponto, a gente economizou no óleo e a engrenagem travou.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Como vê as mudanças que estão sendo estudadas pelo governo Bolsonaro no Bolsa Família, como meritocracia por desempenho dos alunos e novas faixas de valores?

Primeiro, por contexto, comparo sempre o primeiro ano do Bolsonaro com o primeiro ano do Lula. No primeiro ano do Lula houve um desajuste da política social, com a substituição do Fome Zero pelo Bolsa Família, que consolidou os programas do Fernando Henrique. Acho que no caso do Bolsonaro pode estar tendo um processo de aprendizado. Depois de um ano, ele lançar um programa melhor, um Bolsa Família 2.0, com outro nome, é uma possibilidade forte. Essa ideia da meritocracia, que premia os alunos, acho extremamente positiva. Isso já foi implantado no Rio de Janeiro, na gestão do Eduardo Paes. Os resultados foram positivos. Acho que nessa questão da renda, o Bolsa Família já faz essa transferência, dá mais para quem tem menos, de uma maneira interessante. Agora, falta, talvez, melhorar a medida de renda declarada das pessoas. Elas têm incentivo para subestimar a renda. O alerta que eu faço é o seguinte: o programa é bom, você pode melhorá-lo, mas também pode piorá-lo. Tem possibilidade de melhoras, mas houve um ajuste em 2019 que era dispensável, que foi essa combinação de orçamento congelado com anúncio do 13º. Acho que a crítica mais procedente que se pode fazer ao Bolsa Família é a de uso político. Já fiz vários estudos que mostram que as políticas sociais em geral são usadas em sintonia com o ciclo eleitoral, o que é bastante problemático do ponto de vista ético e gera uma instabilidade desnecessária. Para quem está na oposição, o Bolsa Família é um problema. Agora, quando se torna governo, você tem que perceber que tem um instrumento poderoso em termos sociais.

Thiago Rodrigues/FGV

"É preciso melhorar a qualidade da educação e a conexão da educação com o mercado de trabalho"

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevista

A agenda mais liberal do atual governo tem efeito nos índices que medem a desigualdade e o bem-estar social?

Em primeiro lugar, o Bolsa Família é um aliado de quem acredita que o Brasil precisa fazer um ajuste fiscal, porque ele é um programa de distribuição de renda eficiente. Gasta pouco, com público certo. Mas antes o Bolsa Família, e foi o que aconteceu por um bom período, inseria os pobres nos mercados. Isso de alguma forma manteve a roda da economia aquecida no Brasil. Acho que talvez falte agora não dar os pobres aos mercados, mas dar os mercados aos pobres. De alguma forma, levar a uma inserção produtiva, de acesso a mecanismos financeiros — e essa plataforma do Bolsa Família pode ajudar no processo. Já tive a oportunidade de participar de um grupo de inclusão financeira do Fórum Econômico Mundial no qual quando se falava de programas tipo Bolsa Família e inclusão financeira, as pessoas não queriam conversar de outro assunto, tanto do setor privado quanto dos governos.

Esse tipo de abertura costuma ser criticado pela esquerda, que defende o controle do estado sobre os programas.

Eu acho que onde o estado atua bem, como no Bolsa Família, ele deve avançar, até para compensar os ajustes que vai ter de fazer em outras frentes pouco efetivas. Acho que a gente não está pensando muito no pobre com potencial. Essa ideia de inclusão produtiva, de meritocracia aos estudantes, que recebem um benefício maior se melhoram a nota na escola, vai nessa direção de dar mais mercados aos pobres, sem preconceito. Acho que pobreza e mercado podem rimar, não tem que ser riqueza e mercado de um lado e pobreza e estado do outro. Acho que, quando esses elementos são combinados, podem sair soluções interessantes, principalmente quando você já tem uma plataforma ampla e eficiente como o cadastro único. Você pode atingir um grupo de pessoas a um custo baixo a fazer transformações importantes na vida delas. É preciso se libertar do preconceito de que os pobres precisam ser isolados no modelo autárquico. A gente tem que confiar mais no potencial do pobre. Por exemplo, inclusão produtiva no Brasil no caso das empresas. Você pega a empresa porque ela é pequena, não porque ela tem potencial de crescer. Se você premia um jovem que avança, você estimula o sucesso das pessoas. Falta mais essa mentalidade, esse caminho de juntar mercado com pessoas pobres. A gente deixa a pobreza de um lado, como se o estado fosse a solução de tudo, e o mercado de outro. A mentalidade brasileira está mudando. Tem até dados que mostram que o brasileiro antes tinha sonho de um emprego público e hoje tem o sonho de um emprego privado. Ocorreu uma transformação na última década. Está mudando aquele conceito de estado grande, e não é à toa que essa agenda está indo para frente. Acho, no entanto, que a gente precisa sair dessa armadilha da polarização de que o vencedor leva tudo.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Críticos do Bolsa Família dizem que o programa é assistencialista e estimula a dependência porque a pessoa não vai querer trabalhar, para continuar ganhando o benefício. O que os seus estudos dizem sobre isso?

Ter regras que premiam e estimulam o sucesso pode transformar uma dependência em ascendência, mudar as mentalidades. O Bolsa Família é uma boa solução. Os estudos mostram que o programa não gera um efeito preguiça. Gera a dependência eleitoral, que é ruim e precisa ser enfrentada. Mas falta um debate mais franco e mais experimentação. Está na hora de deixar os dogmas, dos dois lados, e ser mais pragmático sobre o que que funciona.

o PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

DIOGO
MAINARDI
NA ILHA DO DESESPERO

Os furos de Bolsonaro

21/02/2020 00:58

► OUVIR NOTÍCIA

O furo que atormenta Jair Bolsonaro não é o da repórter da *Folha de S. Paulo*, e sim aquele que foi cravado no peito de Adriano da Nóbrega. Meia hora antes de caluniar a jornalista, acusando-a de oferecer sexo em troca de reportagens, o presidente revelou sua agonia no Twitter, avisando que as mensagens do miliciano, apreendidas em seus telefones celulares, poderiam ser forjadas a fim de incriminá-lo.

No dia seguinte, o pavor de Jair Bolsonaro somou-se ao pavor de Flávio Bolsonaro, que vazou nas redes sociais as imagens macabras de uma autópsia clandestina, com um corpo cheio de furos, supostamente de Adriano da Nóbrega. Enquanto o filho do presidente vilipendiava aquele cadáver, seu advogado empenhava-se na manobra desesperada – e igualmente furada – de apagar a ficha criminal do miliciano morto.

Quando a *Folha de S. Paulo* publicou a reportagem sobre os disparos de Jair Bolsonaro no WhatsApp, às vésperas do segundo turno, fui o primeiro a desmontá-la. A primazia deveu-se, em parte, ao fuso horário: às quatro da madrugada, eu já havia escrito que a matéria prometia abundantemente mais do que entregava. A imprensa tem o dever de investigar a propaganda digital bolsonarista e de denunciar eventuais crimes, mas uma autópsia independente daquela reportagem revelava um monte de furos suspeitos.

Canal Unico P
DF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Nada disso explica, porém, o ataque asqueroso do presidente da República contra a jornalista. A covardia de Jair Bolsonaro espantou-me ainda mais do que sua falta de compostura. Ele é o homem mais poderoso do Brasil, e conta com uma massa de linchadores ensandecidos. Além disso, suas obscenidades foram reverberadas pelo aparelho estatal, diante de um prédio público, e se tornaram ainda mais pornográficas porque, embora ele tente esconder a idade tingindo os cabelos na pia do banheiro, trata-se de um velho de 64 anos.

O fato é que Jair Bolsonaro, acuado, procurou enterrar o cadáver do miliciano no cemitério da imprensa. De certa forma, deu certo: o episódio grotesco da repórter já está quase esquecido. Mas os furos de Adriano da Nóbrega devem continuar a assombrá-lo por um bom tempo.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

A política da retroescavadeira

21/02/2020 00:58

MARIO SABINO

► OUVIR NOTÍCIA

Espero que o senador Cid Gomes recupere-se integralmente dos ferimentos causados pelos dois tiros que o atingiram, nesta terça-feira, em Sobral, no Ceará. O autor dos tiros, ao que tudo indica, foi um policial grevista que bloqueava a entrada do quartel da Polícia Militar, juntamente com dezenas de colegas e seus familiares. Os policiais cruzaram os braços porque querem aumento salarial. Greve de polícia é, por si só, ilegal. Policial grevista é considerado amotinado. E quando integrantes de uma força policial em greve percorrem a cidade, mascarados, impondo toque de recolher — bem, aí a ilegalidade decuplica.

Cid Gomes não estava passando por acaso pelo local e, do nada, resolveu entrar na confusão. O senador foi por vontade própria para a frente do quartel. Aparentemente, para negociar. A negociação foi bastante peculiar. Num vídeo de celular, vê-se que, de posse de um megafone, próximo ao portão de metal atrás da qual estavam os policiais que bloqueavam a entrada do quartel, Cid Gomes deu um ultimato:

"É ilegal. Vocês têm cinco minutos, nem um a mais, para pegarem seus parentes, suas esposas, os seus filhos, e saírem daqui em paz."

Diante do ultimato, um dos grevistas lhe disse:

"Você não tem autoridade para fazer isso."

O senador retrucou:

"E você está preso."

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Concomitantemente, Cid Gomes agarrou e puxou o braço do policial que lhe respondera que ele não tinha autoridade para dar ulltimato. O agarrado e puxado tentou desvencilhar-se, exigindo que o senador o soltasse. Veio, então, outro policial, que desferiu um soco na cara de Cid Gomes. O senador soltou o braço do colega do pugilista.

O que fez, então, El Cid Gomes? Dirigiu-se a uma retroescavadeira que estava ali ao lado, subiu na cabine, ligou o motor e avançou contra o portão de metal que o separava dos policiais grevistas. Gritaria amplificada, ele empurrou a barreira com a máquina pesada e derrubou-a sobre os policiais que estavam na linha de frente do bloqueio. No vídeo que viralizou, vê-se que pelo menos duas pessoas em trajes civis tentaram impedir o senador de prosseguir na investida. Ato contínuo, tiros foram ouvidos, disparados do lado de lá do portão em direção ao vidro da frente da retroescavadeira. “Mataram o Cid”, alguém gritou. Apesar de ferido por duas balas, ele saiu da cena andando, foi levado para um hospital e, até o momento em que escrevo este artigo, recuperava-se sem maiores problemas.

Divulgada a notícia, ainda quando se pensava que Cid Gomes havia sido alvejado por uma bala de borracha, o deputado Eduardo Bolsonaro tuitou:

“Tenta invadir o batalhão com uma retroescavadeira e é alvejado com um bala de borracha. É inacreditável que um Senador da República lance mão de um atitude insensata como essa, expondo militares e familiares a um risco desnecessário em um momento já delicado.”

Também pelo Twitter, Ciro Gomes, irmão de Cid, respondeu:

“Será necessário que nos matem mesmo antes de permitirmos que milícias controlem o Estado do Ceará como os canalhas de sua família fizeram com o Rio de Janeiro.”

Ao mesmo tempo que o debate político brasileiro já exalava o seu costumeiro alto nível, o governo federal enviou a Força Nacional ao Ceará, para tentar pacificar os ânimos e providenciar segurança à população aterrorizada por criminosos num estado sem policiamento.

Como jornalista, eu me senti obrigado a meter a minha colher torta. Publiquei três tuítes, dos quais o último foi o seguinte:

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

“Vou ter de desenhar para alguns comentaristas: as pessoas têm de tomar banho, escovar os dentes, cortar as unhas e não podem avançar sobre ninguém com uma retroescavadeira, sejam eles grevistas, milicianos, traficantes, torcedores, direitistas, esquerdistas ou isentões. Capito?”

Achei por bem concentrar a minha modesta participação na retroescavadeira porque a indignação na imprensa pendia mais para os tiros do que para a política da máquina pesada. Tiro é tiro, compreendo, mas era necessário equilibrar um pouco a balança, sem dar razão a quem atirou. Obviamente, houve quem pusesse a culpa em Jair Bolsonaro, que teria “empoderado” indevidamente policiais em todo o país — e o presidente da República deve estar se coçando para dizer uma enormidade sobre o episódio, se é que já não disse, conforme o seu padrão de dar sempre justificativas ao adversário. Bobagem. O “empoderamento” é de cangaceiro cearense para cangaceiro cearense já faz tempo. Afirmaram também que o autor dos disparos não queria somente dar um susto, mas matar o senador, visto que atirou no peito, não nos braços ou nas pernas de Cid Gomes. Suponho que seja impossível mirar a alguma distância as pernas de um sujeito que está sentado dentro da cabine de uma retroescavadeira, mas não sou perito em tiro. Quase nenhum jornalista é, embora estranhamente abundem opiniões sobre o assunto em jornais. O fato é que um projétil ricocheteou na clavícula do senador. O outro entrou no seu pulmão esquerdo. Se o atirador queria matar, não conseguiu, ainda bem, outra prova de que os nossos policiais são treinados apenas para atirar à queima-roupa.

Espero que uma investigação rigorosa seja conduzida e o autor dos disparos, punido exemplarmente. Assim como as pessoas têm de tomar banho, escovar os dentes e cortar as unhas, elas não podem sacar uma arma e atirar em outra, a menos que seja numa situação extrema. Alguns argumentam que, no caso do episódio em Sobral, o atirador agiu em legítima defesa dele próprio e dos seus pares e respectivos familiares, mas algo me diz que essa visão não vingaria no Principado dos Gomes mesmo se fosse ululante.

Para que se obtenha um quadro completo da ocorrência, seria preciso que a investigação rigorosa respondesse a algumas questões sobre Cid Gomes. A primeira: ele tem licença para operar uma retroescavadeira? Máquinas pesadas requerem mais do que uma carteira de habilitação comum. A segunda: qual era o teor alcoólico no sangue do senador no momento em que ele avançou com a retroescavadeira contra a massa de policiais e seus familiares? A terceira: usar uma retroescavadeira dessa forma configura que tipo de crime? A quarta questão: não seria o caso de submeter o senador a um teste de sanidade mental? Não parece sinal de equilíbrio psíquico lançar mão de uma retroescavadeira para provocar dezenas de policiais armados.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Enquanto aguardo o resultado da investigação rigorosa (uma tradição nacional), sigo tentando evitar ir a Sobral. Um integrante da família Gomes — não me lembro qual deles, são tantos — abriu um processo contra mim por causa de uma nota em *O Antagonista*— não sei qual delas, são tantas — e quer que eu compareça diante de um juiz da cidade em que os Gomes acham que podem dar ultimato, prender na base do grito e avançar com uma retroescavadeira contra quem não lhes obedeça.

Acesse: t.me/jornaiserevistas

Escola chinesa, o oposto de Paulo Freire

21/02/2020 00:58

LEANDRO NARLOCH

Leandro Narloch é jornalista e autor do 'Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil'.

► OUVIR NOTÍCIA

É uma pena que o Reddit não seja popular no Brasil como nos Estados Unidos. É uma rede social menos política, menos polarizada e com debates melhores que o Facebook ou o Twitter. Reúne o que restou de blogueiros do início da internet, quando ainda havia paciência para longas reflexões fora da trincheira partidária.

Pois bem: um debate interessante tem acontecido ali e no blog de Scott Alexander, um dos participantes mais ativos do Reddit. O tema: será que pais endinheirados dos Estados Unidos e de todo o Ocidente, ao se preocuparem apenas com o conhecimento e a criatividade dos filhos, não estão criando gente indolente, sem disciplina ou autocontrole?

O ponto de partida da discussão é o livro *Little Soldiers*, em que a americana Lenora Chu descreve esquisitices e horrores de escolas chinesas. Depois de se mudar com a família para Xangai e inscrever o filho numa pré-escola chique da cidade, Lenora notou mudanças de comportamento do filho. Estava mais quieto. Passou a pedir para comer ovos cozidos, coisa que antes detestava.

Como o garoto aprendeu a gostar de ovos? “Lenora descobriu que Rainey estava sendo forçado a comer ovos. Quando ele recusava a comida (como sempre fazia), a professora juntava o ovo no chão e o empurrava na boca da criança. Quando Rainey cuspia o ovo (como sempre fazia), a professora repetia o gesto. O ciclo se repetia de três a cinco vezes até que o garoto se rendesse.”

Canal Unico P
DF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Basicamente, a pré-escola da China – país que já ficou em primeiro lugar no PISA – baseava-se em muita autoridade e nenhuma criatividade. Nada de aprender pelo contexto ou com suas próprias ferramentas, como pregava Paulo Freire. “Ficamos sentados parados”, respondeu o filho de Lenora sobre o que faziam o dia todo na escola.

Lenora precisou subornar uma funcionária para poder passar uma semana numa escola. Descobriu que o garoto falava a verdade. As crianças de 3 anos passavam horas sem se mexer, ouvindo gritos da professora sempre que avançavam uma perna e escorregavam da postura.

É difícil aceitar tanta rigidez, mas talvez as escolas americanas (e as brasileiras mais gourmetizadas) pequem pelo contrário. Preocupados demais em evitar traumas, “estimular a criatividade” e – o clichê que mais me tira do sério – “formar cidadãos”, pais endinheirados deixaram de lado as “virtudes não cognitivas” – a disciplina, o autocontrole, a perseverança.

Como diz um amigo, muita escola particular da Vila Madalena, em São Paulo, é na verdade uma fábrica clandestina de videoartistas. Seu egresso típico é – além do videoartista – o doutorando em História que aos 40 anos ainda mora com ao pais e luta para arrumar o quarto e entregar a tese.

Ao voltar de férias para os Estados Unidos, Lenora Chu percebeu que o filho estava mais educado que os parentes americanos da mesma idade. Fazia contas de matemática mais difíceis que as dos primos mais velhos. Gritava menos, pedia licença aos adultos e evitava comer bobagem.

Basta observar crianças num restaurante em São Paulo para concluir: sim, um pouco da autoridade chinesa faria bem à indolência brasileira.

Leandro Narloch é jornalista e autor do 'Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil'.

Canal Unico P
DF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Tem mais

21/02/2020 00:58

► OUVIR NOTÍCIA

Além de incluir na primeira leva de sua delação capítulos sobre os ministros Napoleão Maia e Humberto Martins, do STJ, Sérgio Cabral sinalizou que, mais adiante, pode fazer revelações sobre outras histórias relacionadas à cúpula do Judiciário. A informação tem preocupado enormemente algumas excelências de Brasília cujos nomes ainda não apareceram nos relatos do ex-governador. Ministros garantem que Edson Fachin, responsável por homologar a delação, já foi informado sobre a promessa de Cabral.

Giuliano Gomes/PR Press/Folhapress

Cabral disse ter mais o que contar e, por isso, deixou poderosos preocupados em Brasília

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

O delegado saiu

21/02/2020 00:58

► OUVIR NOTÍCIA

O delegado Alberto Ferreira Neto, convocado por Alexandre de Moraes para trabalhar no inquérito do fim do mundo, aquele que censurou **Crusoé**, deixou o caso no apagar das luzes de 2019. A interlocutores, ele disse que precisava voltar a se dedicar a outras investigações sob sua responsabilidade na superintendência paulista da PF. Um delegado da Polícia Civil paulista também convocado por Alexandre segue à disposição do ministro, mas desde novembro não tem sido demandado por ele.

Adriano Machado/Crusoé

Alexandre de Moraes: sem ajuda desde novembro

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

O plano de Asfor

21/02/2020 00:58

► OUVIR NOTÍCIA

César Asfor Rocha, o ex-presidente do STJ que virou alvo da Lava Jato pela suspeita de receber propina para enterrar a Operação Castelo de Areia, move-se para levar a investigação de São Paulo para Brasília — de preferência para o STF, onde cultiva sólidas amizades. No esforço para transferir o caso, Asfor Rocha tem buscado enredar colegas que se alinharam a ele na decisão que mandou para o arquivo as apurações sobre o propinoduto da empreiteira Camargo Corrêa. Se a estratégia colar, a menção a ministros ainda na ativa no STJ obrigaria a remessa dos autos para o Supremo. Se não der certo, o plano B é que o inquérito ao menos vá para a primeira instância da Justiça Federal de Brasília. Um recurso de Asfor Rocha deverá ser julgado em breve pela Sexta Turma da corte que ele integrava. Recentemente, ele contratou para defendê-lo o também ex-ministro Gilson Dipp.

STJ

Asfor Rocha tem se esforçado para levar seu caso para o STF

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

A vingança de Kassab

21/02/2020 00:58

► OUVIR NOTÍCIA

Desprestigiado no governo de João Doria, Gilberto Kassab embarcou no projeto de reeleição de Jair Bolsonaro. O "dono" do PSD é apontado como o responsável por aproximar o presidente da República do empresário Paulo Skaf, hoje um dos aliados mais empenhados na tarefa de montar em São Paulo o novo partido de Bolsonaro, a Aliança pelo Brasil. Com a costura, Kassab pretende resolver um problema antigo: cacifar o presidente da Fiesp para que ele, com o apoio das fileiras bolsonaristas, derrote o atual vice-governador, Rodrigo Garcia, na disputa pela sucessão de Doria em 2022. Kassab e Garcia foram sócios e romperam em 2011.

Pedro Ladeira/Folhapress

Kassab opera para minar Rodrigo Garcia, com quem teve sociedade

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Transferência sob suspeita

21/02/2020 00:30

► OUVIR NOTÍCIA

Ao avançar sobre desvios de 50 milhões de reais de contratos de informática firmados entre a empresa B2T e o antigo Ministério do Trabalho entre 2016 e 2018, a Polícia Federal identificou repasses a dezenas de pessoas jurídicas e físicas. As transferências eram feitas logo depois de o governo liberar os pagamentos à firma. Uma delas foi para o Instituto de Estudos em Relações Governamentais e Políticas, que tem entre seus sócios Luís Inácio Adams, advogado-geral da União nos governos petistas. O instituto recebeu 45,9 mil reais da B2T. A Justiça Federal já mandou bloquear o dinheiro. A **Crusoé**, Adams disse que não se recorda nem da empresa nem do pagamento.

Jane de Araújo/Agência Senado

Adams diz desconhecer o repasse para o instituto

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Propina à portuguesa

21/02/2020 00:58

► OUVIR NOTÍCIA

A Polícia Judiciária de Portugal começou a rastrear o caminho de nada menos que 1,5 bilhão de dólares que passaram por contas aberta no Banif, o falido Banco Internacional de Funchal, entre 2005 e 2015. Há fartos indícios de que uma parte importante dessa fortuna tenha conexão com pagamentos de propina feitos por empreiteiras brasileiras investigadas na Lava Jato. A Odebrecht era uma das usuárias do esquema. As transações suspeitas foram escondidas durante anos das autoridades portuguesas, que só cobraram informações dos controladores do banco depois que investigadores brasileiros as alertaram, com informações obtidas nas investigações do petrolão. As contas no Banif serviam de passagem para o dinheiro, que depois era remetido para paraísos fiscais do Caribe, por exemplo.

Reprodução

Agência do Banif: transações inclusive no período em que o banco esteve sob intervenção do governo português

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

RUY GOIABA

Me dá um tédio escandinavo aí

21/02/2020 00:58

► OUVIR NOTÍCIA

Eu não aguento mais coisas acontecendo. Pior: coisas acontecendo NO BRASIL, este país que avacalha absolutamente tudo, esta mistura de surrealismo com falta de saneamento básico capaz de deixar no chinelo até um García Márquez doidaço de mescalina. Quando um senador monta na retroescavadeira, vai para cima de PMs amotinados e leva dois balaços de brinde, você sabe que não há como não jogar a toalha. Entrega logo o Bananão para Alessandra Negrini vestida de índia — devidamente autorizada pelo Sindicato dos Índios, com carimbo da Sônia Guajajara e tudo — e pega os espelhinhos de volta.

E a história de Cid "Caterpillar" Gomes aconteceu na mesma semana em que Dias Toffoli, o chefe do Executivo, lançou um programa para destravar obras públicas, o moderado general Augusto Heleno mandou um "foda-se" para o Congresso, o filho do presidente postou nas redes sociais um vídeo de cadáver autopsiado e o próprio presidente fez uma referência a "furo" que constrangeria até o moleque mais imbecil e merecedor de cuecão da minha turma da 5ª série B (aliás, é difícil avaliar se o problema de Bolsonaro é excesso ou falta de cuecão na infância). Mas as instituições estão funcionando normalmente!

No meio daquilo que um amigo chamou de "disputa pela liderança do ranking brasileiro de quem tem menos razão", o que mais desejo é uma greve de acontecimentos, uma moratória de notícias, o silêncio de um mosteiro beneditino deserto. Se coubesse na métrica de "Me Dá um Dinheiro Aí", eu passaria o Carnaval cantando "me dá um tédio escandinavo aí". Não precisam vir junto aurora boreal, *welfare state*, IDH altíssimo e

Canal Uni
co PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

escandinavas interessadas na minha malemolência latino-americana: só quero o tédio mesmo, daqueles tédios de personagem do Bergman que pode passear angustiadinho por Estocolmo sem jamais se preocupar com seus boletos. Pode ser um tédio com 20 graus negativos, um tédio "neste ano o verão caiu em uma terça": não tem problema.

Na Escandinávia, até a revolta contra o tédio é mais bacana, porque resulta em coisas coloridas e cafonas como o ABBA. Os brasileiros não sabemos o que é tédio e vivemos de sobressalto em sobressalto, no eterno ônibus circular entre a barbárie e a decadência que nunca passa pela civilização, levando bordoada no meio daquilo que os Originais do Samba chamavam de "bacubufo no caterefofo". Cansei de ir buscar a bola no fundo do gol no 7 a 1 que levamos todo dia. Quero previsibilidade, modorra, Dia da Marmota — qualquer coisa que faça o Brasilzão parar de me encher o saco e me deixar quieto no meu canto, lendo.

"Ora", dirão vocês, "compre uma passagem para a Escandinávia e se mude para lá, mala sem alça." Amigo, com o dólar a mais de R$ 4,35, eu sou igual à empregada doméstica do Paulo Guedes querendo ir para a Disney: o máximo que consigo é um rolê a pé pela rua Noruega, e olhe lá. A não ser que vocês, fiéis apoiadores da **Crusoé**, financiem a viagem. Mas, se quiserem me presentear com uma retroescavadeira para atropelar todo mundo, também aceito.

***

A GOIABICE DA SEMANA

Leio que o último concurso de Miss Alemanha contou com um júri formado apenas por mulheres, vetou a prova do biquíni e aceitou candidatas de até 39 anos. Tudo muito bom — mas por que as mulheres até 49, ou 59, ou 89 anos não foram aceitas? Que etarismo é esse? E, pensando bem, por que a insistência em escolher "a mulher mais bonita"? Bonita por quais padrões excludentes? Até quando toleraremos a FEIOFOBIA nos concursos de miss? E notem: nem falamos ainda da odiosa discriminação contra os seres portadores de pinto.

Se é para desconstruir concurso de miss, vamos desconstruir direito. (Seria mais fácil não fazer, mas para que simplificar se a gente pode complicar?)

Canal Único de PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Miss Germany/Instagram

Miss Alemanha, Leonie von Hase, ainda é bonita –ou seja, faltou desconstrução aí

Jornal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Canal Único PDF
O Jornaleiro

Cadê o Jornaleiro, gente?!
Acesse nosso Canal no Telegram:
t.me/jornaiserevistas ou @jornaiserevistas

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Canal Único PDF
O Jornaleiro

Cadê o Jornaleiro, gente?!
Acesse nosso Canal no Telegram:
t.me/jornaiserevistas ou @jornaiserevistas

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas